

+
Utopia do *Reino do Espírito*
Utopia del *Regne de l'Esperit*
Utopía del *Reino del Espíritu*
Utopia of the *Kingdom of the Spirit*

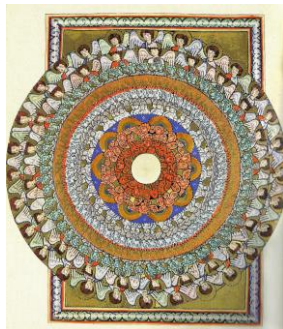
Noeli Dutra ROSSATTO¹

Abstract: Three utopian perspectives of the kingdom merge in Luso-Brazilian culture. The Abbot Joachim of Fiore (1135-1205) proposes a Trinitarian division of history into three states (status) of the world, and the Kingdom of the Spirit blooms in third. Derive of the contribution prophetic work of the Jesuit Antonio Vieira (1608-1692) the second perspective that divides history into three kingdoms of Christ, in which the last stage fulfils as a Consummated Kingdom of Christ or Fifth Empire, without the prediction of a Kingdom of the Spirit. Finally, Agostinho da Silva (1906-1994) takes up the Trinitarian division of history and projects a Kingdom of the Spirit as a recreation of the Fifth-imperialism, Messianic and Joachimite utopias, celebrated in the festivities of the Empire of the Divine Holy Spirit.

Keywords: Kingdom of the Spirit – Joachim of Fiore – Antonio Vieira – Agostinho da Silva – Fifth Empire.

Resumen: Tres perspectivas utópicas del reino se fusionan en la cultura luso-brasileña. El abad Joaquín de Fiore (1135-1205) propone una división trinitaria de la historia, en que cada uno de los tres reinos (*regnum*) pertenecen a uno de los tres estados (*status*) del mundo, y el Reino del Espíritu florece en tercero. La segunda perspectiva se deriva de la obra profética del jesuita Antonio Vieira (1608-1692) que divide la historia en tres reinos de Cristo, en que la última etapa se cumple como un Reino de Cristo consumado o Quinto Imperio, sin la previsión de un Reino del Espíritu. Por fin, Agostinho da Silva (1906-1994) retoma la división trinitaria de la historia y proyecta un Reino del Espíritu como recreación de las utopías quinto-imperialista, mesiánica y joaquinita, celebradas en las festividades del Imperio del Divino Espíritu Santo.

¹ *Professor Titular* do [Departamento de Filosofia](#) e do [Programa de Pós-Graduação em Filosofia](#) da [Universidade Federal de Santa Maria \(UFSM\)](#). Doutor em *História da Filosofia Medieval* pela [Universitat de Barcelona \(UB\)](#). *E-mail:* noeli.rossatto@ufsm.br. *ORCID:* <https://orcid.org/0000-0003-4176-574X>.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

Palabras-clave: Reino del Espíritu – Joaquín de Fiore – Antonio Vieira – Agostinho da Silva – Quinto Imperio.

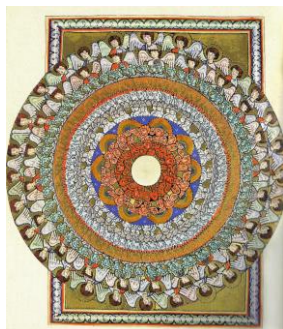
ENVIADO: 24.09.2024
ACEPTADO: 11.10.2024

Introdução

Três perspectivas teóricas que, de algum modo, se apoiam na divisão por reinos (*regnum*) permanecem vivas no substrato cultural luso-brasileiro. O abade cisterciense Joaquim de Fiore (1135-1205) busca pensar a história com base na ideia de Trindade, dividindo-a por três estados (*status*), nos quais se manifestam sucessivamente os reinos do Pai, do Filho e do Espírito Santo. O último reino se apresenta como um horizonte de expectativas marcado pelo ingresso da humanidade no seu estágio de plena liberdade espiritual, de graça ampliada e de caridade.

O jesuíta Antônio Vieira (1608-1692), nascido em Portugal, mas vivendo no Brasil-colônia desde a mais tenra idade, procura refazer o cômputo da história com base na escatologia cristã posta em questão pelos chamados descobrimentos. Depois do Descobrimento da América (1492), seguido pelo do Brasil (1500), para que se cumprissem as profecias bíblicas sobre o fim dos tempos, restava anunciar o Evangelho a todos os povos. Essa tarefa terá de ser retomada na forma da “conquista espiritual” dos povos recém-descobertos.

Antônio Vieira, assim como Joaquim de Fiore em relação à crise da leitura da história (*lectio historiae*) na passagem do primeiro milênio, terá pela frente o desafio de refazer os cálculos das etapas da história com vistas à previsão de seu término. Na ótica vieiriana, diferentemente da joaquimita, a última fase da história se cumpriria com o Reino de Cristo, o qual estava dividido internamente por três etapas: o Reino de Cristo Iniciado, o Reino de Cristo Imperfeito e o Reino de Cristo Consumado. Este último abrigaria o Quinto Império.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

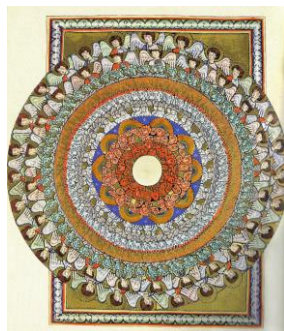
A utopia do Reino do Espírito será retomada em chave joaquimita na obra do filósofo e poeta português Agostinho da Silva (1906-1994), que viveu exilado no Brasil do século passado. Em sua obra, reencontramos três aspectos decisivos na compreensão do Reino do Espírito. Em um sentido, ele se mantém fiel à divisão da história por três estados ou reinos, em que ele próprio, assim como Joaquim de Fiore em seu tempo, se situa na passagem do Reino do Filho para o Reino do Espírito. Em outro sentido, o Reino do Espírito servirá para unificar de forma criativa as diferentes correntes utópicas, proféticas e apocalípticas do substrato cultural luso-brasileiro, entre as quais se destacam o sebastianismo, o messianismo e o quinto-imperialismo. Por fim, as populares Festas do Império do Divino Espírito Santo serão retomadas como a mais autêntica celebração do Reino do Espírito.

Começamos pela proposta de divisão da história por três reinos. Qual é a doutrina joaquimita dos três reinos? Como entender que o Reino do Espírito supera ou substitui o Reino de Cristo? Pode-se dizer que a consumação do Reino de Cristo é o próprio decreto do fim do cristianismo?

I. Reino do Pai, do Filho e do Espírito Santo

A divisão trinitária da história, ainda que já estivesse indicada nalguns autores da tradição patristica, tomará uma forma mais bem definida na obra do abade Joaquim de Fiore.² Ao dividir a história por três estados, cada um deles atribuídos a uma das pessoas da Trindade divina, o abade calabrês propõe a sequência de três reinos sucessivos: o Reino do Pai, o Reino do Filho e o Reino do Espírito Santo. O pressuposto de que o término do Reino de Cristo estava marcado para a segunda metade do século XIII, mais precisamente nas gerações em torno do ano 1260, faz com que o Reino do Espírito ganhe uma conotação marcadamente utópica.

² MOLTSMANN, Jürgen. *The Trinity and the Kingdom. The doctrine of God*. Minneapolis: Fortress Press, 1993, p. 202-211.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

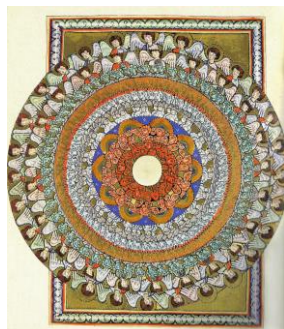
Diferentemente de Agostinho de Hipona, para o qual o Reino de Cristo será o último na luta contra o Anticristo, e o Reino de Deus está associado à Igreja (cristã), a divisão da história por três reinos parece incorporar a sugestão do apóstolo Paulo, que vislumbra a passagem do reino da lei natural para a lei mosaica e daí para o cristianismo.³ No entanto, é preciso notar que o terceiro reino paulino não fora atribuído ao Espírito Santo, pois se vincula claramente a Cristo.

De acordo com a ideia de Trindade, Joaquim de Fiore divide a história por três estados (*status*), em que o estado paterno começa com Adão e se consuma nos tempos de Jesus Cristo, sendo conduzido pela ordem dos casados (*ordo coniugatorum*). O estado do Filho frutifica com Jesus e se consuma por volta do ano 1260, sendo comandado por uma ordem clerical (*ordo clericalis*). O estado do Espírito começaria a frutificar a partir do ano 1260 e se consumaria quarenta e duas gerações (de trinta anos cada) depois, sob a condução de uma ordem monástica (*ordo monachorum*). Cada um dos três estados, assim como seus respectivos reinos, ostenta as propriedades de cada uma das pessoas da tríade divina. Conforme anota Joaquim de Fiore em sua *Concórdia entre o Novo e o Antigo Testamento*:

O primeiro estado ocorreu quando éramos sujeitos à lei, o segundo sob a graça e o terceiro, que já se aproxima, será sob uma graça ampliada. (...) O primeiro estado foi na ciência, o segundo na sabedoria e o terceiro na plenitude da compreensão. O primeiro foi na obediência servil, o segundo na obediência de filho e o terceiro na liberdade. O primeiro no sofrimento, o segundo na ação e o terceiro na contemplação. O primeiro no temor, o segundo na fé e o terceiro na caridade. O primeiro estado é dos escravos, o segundo dos livres e o terceiro dos amigos. O primeiro é dos velhos, o segundo dos jovens e o terceiro das crianças.⁴

³ VOEGELIN, Eric. *História das ideias políticas II. Idade Média até Tomás de Aquino*. São Paulo: É Realizações, 2012, p. 144-155.

⁴ “Primus in quibus fuimus sub leg, secundus in quibus fuimus sub gratia, tertius quibus e vicinus expectamos sub ampliori gratia. (...) Primus ergo status in scientia fuit, secundus in potestate sapientie, tertius in plenitudine intellectus. Primus servitute servili, secundus in servitute filiali, tertius in libertate. Primus in flagellis, secundus in actione, tertius in contemplatione. Primus in timore, secundus in fide, tertius in charitate. Primus status servorum est, secundus liberorum, tertius amicorum. Primus



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

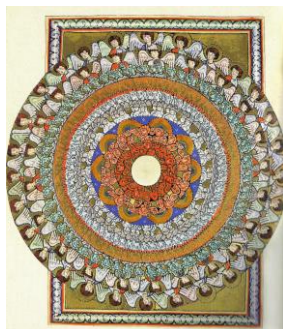
O primeiro dos três estados, assim como o primeiro reino, está marcado pelas propriedades paternas; por isso, foi vivido no império da lei, da escravidão, do sofrimento, do temor e da guerra, tal como relatam as páginas do Antigo Testamento. No segundo estado, associado ao reinado do Filho, temos a presença da caridade, da graça e da sabedoria, ainda que ele seja vivido na obediência filial e na liberdade parcial, conforme narram os evangelhos e a História da Igreja. O terceiro estado será vivido na perfeita compreensão espiritual, na graça ampliada, na contemplação e na plenitude da liberdade e da caridade. Por isso, o Reino do Espírito será concebido como um reino de liberdade, vinculado pelos laços de amizade e da caridade, a exemplo das crianças e da comunidade monástica. É preciso notar que, com o passar do tempo, as três diferentes manifestações históricas do Reino de Deus se entrelaçam de tal modo que uma anuncia a outra, e todas caminham para a plena liberdade espiritual.

Se a primeira justificativa joaquimita da divisão por três reinos sai da aplicação da ideia de Trindade à história, a segunda sairá das páginas do último livro bíblico, o *Apocalipse*. De acordo com a lógica que associa um testamento a cada um dos três estados ou reinos, o testamento paterno já se encontrava consumado e o testamento filial estava por se cumprir naqueles dias. Faltava, então, se realizar o terceiro testamento, um testamento espiritual, conforme assinalava a visão do *Apocalipse* (Ap 14, 6), que dizia: “eu vi um anjo de Deus que voava no meio do céu e a ele foi dado o Evangelho Eterno”.

Não vamos nos deter nas diferentes interpretações do Evangelho eterno, a começar por aquelas que o condenaram no decorrer do século XIII e seguintes.⁵ Tampouco avaliaremos as interpretações que, algumas vezes, identificam o Evangelho eterno com o “Evangelho espiritual de Cristo”; e outras, com o “Reino efetivo do Evangelho de

senum, secundus iuvenum, terius Puerorum.” – IOACHIM FLORENSIS. *Concordia Novi ac Veteris Testamenti*. Venedig 1519; reimp. facs. Frankfurt: Minerva, 1964a, f. 112a.

⁵ DEZINGER, H. e SCHONMETZER, A. *Enchiridion symbolorum, definitionum et decorationum de rebus fidei et morum*. Editio XXXIV. Barcelona: Herder, 1967, p. 261; VERARDI, Luigi. *Gioacchino da Fiore – Il Protocollo di Anagni*. Cosenza: Orizzonti Meridionali, 1992 (tradução italiana e reedição do texto latino de H. Denifle).



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

Cristo”.⁶ Menos ainda nos deteremos na disseminação do chamado “mito” do Evangelho eterno na cultura ocidental.⁷ Antes disso, assumimos o pressuposto de que Joaquim de Fiore entende o Evangelho eterno como o Evangelho do Reino do Espírito. Dois passos de sua obra autorizam tal ponto de partida.

Em uma passagem do *Saltério de dez cordas*, texto dedicado ao tema da Trindade, Joaquim de Fiore assegura que, em sua época (isto é: no século XII), a humanidade estava vivendo no início do quinto tempo (que era último), em que o Espírito Santo viria completar a obra do Filho, com o seu Evangelho eterno.⁸ Para entender essa passagem, é preciso ter em vista que o abade retoma a divisão por três tempos de Agostinho de Hipona (tempo da lei, sob a lei e sob a graça), acrescentando outros dois tempos que seriam vividos sob a letra do Evangelho (de Cristo) e na plenitude da compreensão espiritual.⁹ De acordo com esta nova divisão dos tempos, não há dúvida que o quinto tempo estava previsto para ser vivido no decorrer do terceiro estado, sob a compreensão espiritual do Reino do Espírito. Também não há dúvida que, em resposta à indagação a respeito de qual evangelho vigoraria no decorrer do quinto tempo, ele assegura que é o Evangelho Eterno.

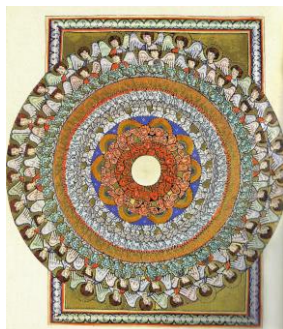
A outra passagem encontra-se em um texto incompleto de Joaquim de Fiore, o *Tratado sobre os quatro evangelhos*. Depois de afirmar que cabe a uma nova ordem monástica pregar o Evangelho do Reino em todo o mundo, o abade equipara o Evangelho do Reino (do Espírito) ao Evangelho Eterno, e distingue o Reino de Cristo do Reino do Espírito:

⁶ DE LUBAC, Henri. *La posterité spirituelle de Joachim de Flore. Tomo I – de Joachim à Schelling*. Paris: Lethielleux, 1979, p. 49-50; MOTTU, Henry. *La manifestazione dello Spirito secondo Gioacchino da Fiore. Ermeneutica e teologia della storia secondo «Il Trattato sui quattro vangeli»* (trad.: Roberto Usseglio). Roma: Casa Editrici Marietti, 1983, p. 130.

⁷ REEVES, Marjorie e GOULD, Warwich. *Gioacchino da Fiore e il mito dell'Evangelo eterno nella cultura europea*. Roma: Viella, 2000.

⁸ IOACHIM FLORENSIS. *Psalterium decem chordarum*. Venedig 1527, facs. Frankfurt: Minerva, 1964b, f. 259d-260b.

⁹ IOACHIM FLORENSIS. *Expositio in Apocalypsim/Liber introductorius in Apocalipsis*. Venedig 1527, facs. Frankfurt: Minerva, 1964c, f. 5c.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

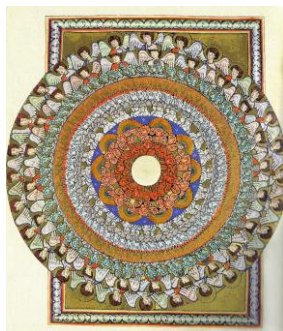
... (uma nova ordem monástica) pregará o Evangelho do Reino em todo o mundo (Mt 24,13; Mc 14,9), aquele Evangelho do qual fala João no *Apocalipse* (Ap 14,6), ao afirmar «Eu vi o anjo de Deus voando no meio do céu e a ele foi dado o Evangelho eterno». Mas por que o Senhor diz Evangelho do reino e João diz Evangelho eterno, senão que o mandato que recebemos de Cristo e dos Apóstolos, por meio da fé nos sacramentos, que são transitórios e temporais, adquire um significado eterno?¹⁰

Com base nas duas passagens citadas, podemos caracterizar brevemente o que é o Reino do Espírito para Joaquim de Fiore.

Em primeiro lugar, o Reino do Espírito está associado ao período histórico em que vigoraria o Evangelho eterno. Por sua vez, o Evangelho eterno pode ser visto como o resultado da aplicação de um dos métodos do sistema hermenêutico joaquimita, o chamado método por concórdia, mediante o qual se pode alcançar a mais alta compreensão espiritual das escrituras, a *intellectio spiritualis*, em que dois significantes ou dois testamentos resultam em um único significado (*duo significantia sunt unum significatum; duo testamenta unus spiritualis intellectus*).¹¹ Em sentido complementar, o Evangelho eterno também pode indicar uma nova escritura, uma escritura espiritual, um novo evangelho para o terceiro estado. Por último, o Evangelho eterno pode ser tomado em sentido escatológico como a própria manifestação do Reino do Espírito, pregado em todo mundo por uma nova ordem monástica, os “homens espirituais” (*virii spiritualis*) do terceiro estado do mundo.

¹⁰ “... et loquetur in eo ad predicandum Evangelium regni in universo mundo, illud scilicet Evangelium, de quo dicit Johannes in Apocalypsi xiiii: «Vidi angelum Dei volantem per medium celi, et datum est illi Evangelium eternum». Sed quare vel a domino dicitur Evangelium regni, vel a Johanne Evangelium eternum, nisi quia illud, quod mandatum est nobis a Christo vel apostolis secundum fidem sacramentorum, quantum ad ipsa sacramenta transitorium est et temporale, quod autem per ea significatur eternum?”, IOACHIM FLORENSIS. *Tractatus super quatuor evangelia*. Roma: Instituto Istorico Italiano, 1930, p. 86 (tradução nossa).

¹¹ IOACHIM FLORENSIS. *Concordia Novi ac Veteris Testamenti*. Venedig 1519, facs. Frankfurt: Minerva, 1964a, f. 18b.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

É preciso entender que, nos termos postos acima, o Reino do Espírito, a rigor, não diz respeito a um messianismo que projeta toda a esperança na segunda vinda de Cristo, dado que ela já teria ocorrido na fase de consumação do Reino de Cristo (por volta do ano 1260), quando então se abririam os últimos selos do *Apocalipse*, ao se completarem as quarenta e duas gerações de sua Igreja. Por isso, não diz respeito à espera de um *alter Christus*, tal como queria a hermenêutica franciscana de meados do século XIII, em que seu fundador, Francisco de Assis, foi tomado como o novo guia (*novus dux*) do terceiro estado espiritual.

De igual modo, não teríamos um *Collective Messiah*, como pretendem algumas interpretações mais recentes.¹² O que se pode esperar, certamente, é o Reino do Espírito, protagonizado por uma nova ordem monástica que, em coerência com o terceiro estado joaquimista, atuaria na construção de uma forma de vida comunitária em que reinaria a plenitude da paz, da liberdade e da caridade.

II. Os Três Reinos de Cristo

Padre Antônio Vieira (1608-1692) terá uma tarefa similar à de Joaquim de Fiore: se o abade respondia à crise da leitura da história do *De civitate Dei* de Agostinho de Hipona na passagem do primeiro milênio cristão, o jesuíta tinha pela frente a incumbência de repensar a escatologia posta em questão pelos descobrimentos. No contexto das novas descobertas, a questão que ganha relevância é a seguinte: o Evangelho do Reino já fora anunciado em todo o mundo? Ao lado da dúvida inicial suscitada pela aproximação entre algumas lendas indígenas, como a do Pai Sumé (Zumé ou Tumé) e o cristianismo (apóstolo Tomé), alimentada por alguns jesuítas na tentativa de comprovar o prévio contato dos povos originários com a mensagem cristã, parecia evidente que os recém-descobertos não tiveram qualquer notícia dos evangelhos.¹³

¹² RIEDL, Matthias. “[A Collective Messiah: Joachim of Fiore’s Constitution of Future Society](#)”. In: ROSSATO, Noeli Dutra (org.). *Mirabilia* 14 (2012/1). *Mystic and Millenarism in Middle Ages*, pp. 57-80.

¹³ RUIZ DE MONTTOYA, Antonio. *Conquista espiritual hecha por los religiosos de la Compania de Iesus, en las provincias del Paraguay, Paraná, Uruguay y Tape*. Madrid: Imprenta del Reyno, 1639, f. 29b.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

Para Vieira, a questão era dupla: além de ter de retomar a missão de pregar o evangelho a todos os povos, era preciso saber o que mais faltava ocorrer para que se consumasse o Reino de Cristo. Em resposta à segunda questão, em sua *Defesa perante o tribunal do Santo Ofício*, Vieira propõe uma divisão da história por três estados, todos eles situados no interior do Reino ou Império de Cristo, a saber: 1) o Reino de Cristo Incoado (ou iniciado), que foi de Jesus a Constantino (s. III); 2) o Reino de Cristo Imperfeito, que iria de Constantino ao tempo em que vivia Antônio Vieira (s. XVII); e 3) o Reino de Cristo Completo e Consumado, que corresponderia aos tempos futuros do terceiro Reino de Cristo e do Quinto Império.¹⁴

De acordo com esta subdivisão interna do Reino de Cristo, já podemos antever que a escatologia vieiriana, diferente da joaquimita, não deposita sua expectativa num utópico Reino do Espírito, associado ao terceiro estado espiritual. Em ampla medida, o jesuíta conserva a tipologia vigente na tradicional escatologia cristã que, com raras exceções, de Agostinho de Hipona a Tomás de Aquino, se limitava a conceber o tipo-Cristo e o seu reino como a última revelação histórica. Em vista disso, a resposta de Vieira não se centra mais na expectativa de conversão dos judeus e dos muçulmanos, senão que na difusão do evangelho aos povos originários.¹⁵ Para ele, as novas descobertas eram a prova de que o Evangelho de Cristo estava em sua segunda fase, ainda imperfeita, e que cabia completar a terceira e última tarefa.

Assim, para situar a própria missão de evangelização, era preciso encontrar uma nova maneira de recontar os tempos para saber a respeito de seu fim. É aí que Vieira abandona o – por ele chamado – “velho caminho” da tradição, que contava os tempos por idades, de Adão ao Juízo Final, passando por Cristo.¹⁶

¹⁴ VIEIRA, Antônio. *Defesa perante o Tribunal do Santo Ofício. Tomo 2* (introd. e notas: Hernâni Cidade). Bahia: Universidade da Bahia, 1957, p. 271.

¹⁵ VIEIRA, Antônio. *Clavis Prophetarum. A chave dos profetas. Livro III* (trad. e ed. Crítica: Arnaldo Espírito Santo). Lisboa: Biblioteca Nacional, 2000, p. 77 a 161.

¹⁶ VIEIRA, Antônio. *Clavis Prophetarum. A chave dos profetas. Livro III* (trad. e ed. Crítica: Arnaldo Espírito Santo), *op. cit.*, p. 75.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

Em sua *Clavis Prophetarum*, após elencar uma série de razões que justificavam a conclusão de que o Evangelho de Cristo ainda não fora anunciado em todo mundo, o jesuíta volta ao mesmo tópico afirmando que estava vivendo no último estado da Igreja, isto é, no Reino de Cristo Consumado. No entanto, diferentemente da tradição, ele propõe repensar a escatologia em sentido inverso: não mais contar os tempos do passado para o presente, mas do futuro para o presente. A nova contagem resulta nas seguintes etapas que teriam de ser cumpridas: do Juízo Final ao Anticristo, do Anticristo à pregação do Evangelho a todos os povos e da conversão universal até os tempos atuais (isto é: o século XVII).¹⁷

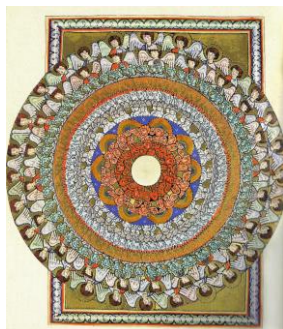
Além disso, Vieira retoma a teoria dos quatro impérios, que remonta à interpretação de Daniel por São Jerônimo, em que o Quinto Império seria realizado na terceira fase do Império ou Reino de Cristo, como um estado de completude e de consumação do cristianismo (ou da Igreja Católica).¹⁸ A teoria do Quinto Império está exposta com mais detalhes em sua *Defesa perante o tribunal do Santo Ofício*, em resposta à pergunta: “Se está revelado ou profetizado na Sagrada Escritura algum Reino, Monarquia ou Império que se deva chamar o Quinto?”¹⁹ A justificativa para a resposta positiva se encontra na interpretação de duas passagens do profeta Daniel. A primeira é a visão da estátua por Nabucodonosor, em que o profeta Daniel (Dn 2, 30-36) tomava os quatro metais (ouro, prata, bronze e ferro) como o simbolismo da sucessão de quatro impérios, os quais seriam substituídos por um quinto e último.

A segunda justificativa vem de outra visão do profeta (Dn 7), em que quatro feras saem do mar e um anjo diz que elas significam os quatro impérios aos quais se seguiria o

¹⁷ VIEIRA, Antônio. *Clavis Prophetarum. A chave dos profetas. Livro III, op. cit.*, p. 77.

¹⁸ VIEIRA, Antônio. *História do Futuro* (introd. e atualização de texto e notas: M. Leonor C. Buescu). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1982, p. 83; VIEIRA, Antônio. *Defesa perante o Tribunal do Santo Ofício. Tomo 2* (introd. e notas: Hernâni Cidade). Bahia: Universidade da Bahia, 1957, p. 271.

¹⁹ VIEIRA, Antônio. *Defesa perante o Tribunal do Santo Ofício. Tomo 2* (introd. e notas: Hernâni Cidade). Bahia: Universidade da Bahia, 1957, p. 235; DI MARTINI, Marcus; ROSSATTO, Noeli Dutra. “[Milénarismo na obra profética do Padre Antônio Vieira](#)”. In: *Letras*. Santa Maria, vol. 21, n. 43, 2011, p. 171-196.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

eterno Reino dos Santos. Segundo a hermenêutica vieiriana, as duas visões prognosticam o Quinto Império. E daí vem a conclusão do jesuíta: dando seqüência a quatro impérios – o Assírio, o Persa, o Grego e o Romano –, o Quinto Império, com sede em Lisboa, coroaria um período de paz universal, de justiça e de caridade.

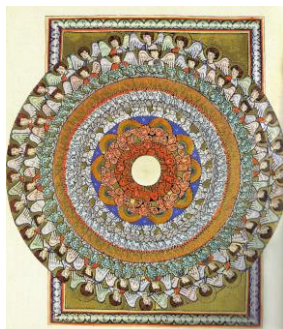
É preciso observar que, tanto na *História do futuro* como na *Defesa perante o Tribunal do Santo Ofício*, Antônio Vieira atribui ao Quinto Império uma tarefa estritamente nacionalista. A nação portuguesa cumpriria a missão especial de levar a paz e a concórdia a todos os povos. Em sua última obra, a *Clavis prophetarum*, no entanto, ele parece substituir o caráter nacionalista, tomando o Quinto Império como a realização da promessa do sonho de um cristianismo cujo ápice seria o estabelecimento de um estado de paz, de justiça e de fraternidade.²⁰

De qualquer modo, não deve restar dúvidas a respeito de que, na comparação com Joaquim de Fiore, Antônio Vieira coloca o acento na divisão por três reinos de Cristo, e não por três reinos atribuídos a cada uma das pessoas da Trindade. O Quinto Império, por sua vez, terá lugar no último estado do Reino de Cristo, ainda que Vieira não esclareça se os impérios anteriores estariam sob o Reino do Pai. Assim, em última análise, a utopia está depositada em um reino ou império cristão, inexistindo a expectativa de um Reino do Espírito, que era o móbil principal do joaquimismo, e que voltará com a perspectiva retomada pela obra de Agostinho da Silva.

III. A utopia do *Reino do Espírito*

A seqüência por três reinos e cinco impérios reaparecerá claramente em outro representante da cultura luso-brasileira. O poeta e filósofo português Agostinho da Silva, que viveu exilado no Brasil do século passado, divide a história por três reinos,

²⁰ ESPÍRITO SANTO, Arnaldo do. “[A Clavis Prophetarum à luz das referências intratextuais](#)”. In: MARTINS, J. C. O. (org.). *Padre Antônio Vieira*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia (UCP), 2001, pp. 35-49; FRANCO, José Eduardo. “[O Quinto Império como sonho de regeneração de Portugal e do mundo](#)”. In: *Reflexão*, v. 33, n. 93, 2015, p. 37.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

retomando a tradição joaquimita. A utopia do Quinto Império será por ele recriada como a expressão inequívoca do Reino do Espírito.²¹

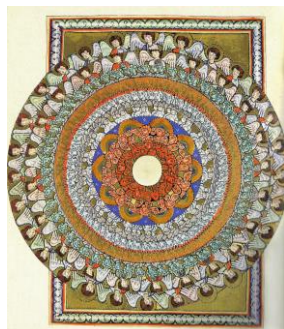
O pensamento de Agostinho da Silva, sem dúvida, assumiu algumas noções provenientes da obra de Joaquim de Fiore, as quais foram aos poucos mescladas com o mito do Quinto Império e o messianismo das *trovas* de Bandarra, da obra profética de Antônio Vieira e da poesia de Fernando Pessoa. É possível verificar a influência das ideias joaquimitas em dois aspectos principais de sua obra. Em um aspecto, o Reino do Espírito servirá para acomodar as diferentes utopias luso-brasileiras, como aquela vislumbrada na Ilha dos Amores dos *Lusíadas* (Canto IX e X) de Luiz Vaz de Camões, no retorno triunfante de Dom Sebastião e no mito do Quinto Império das *trovas* de Bandarra, da obra profética do Padre Antônio Vieira e dos escritos de Fernando Pessoa, notadamente em seu poema *Mensagem*.²²

Outro aspecto é a crítica ao intelectualismo escolástico e ao racionalismo moderno, cuja combinação para Agostinho da Silva teria resultado na Inquisição; em troca, ele propõe retomar a forma de vida monástica introduzida no Ocidente por São Bento de Núrsia (480-547), reacendida pelo cisterciense Joaquim de Fiore e, de algum modo, continuada em terras lusitanas pelos franciscanos espirituais. Desta perspectiva, o pensador luso-brasileiro, assim como outros filósofos contemporâneos, como Alasdair MacIntyre, Gianni Vattimo e Giorgio Agamben, busca na Idade Média, especialmente na Idade Média Monástica, os traços do ideário já reivindicado desde o começo de sua obra, como o projeto português que deu certo: um poder político descentralizado e democrático em uma sociedade igualitária sem divisão de classes.²³

²¹ FRANCO, Eduardo. “[Joaquim de Flora e sua influência na cultura portuguesa](#)”. In: *Revista Portuguesa de Ciências da Religião*, v. I, n. 1, 2002, p. 92.

²² PINHO, Romana Valente. *O essencial de Agostinho da Silva*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006, p. 51.

²³ AGOSTINHO DA SILVA. “Considerando o Quinto Império”. In: BORGES, Paulo Alexandre Esteves (org.). *Agostinho da Silva. Dispersos*. Lisboa: ICALP, 1988, p. 192; LEAL, João. “[Nação e império: Agostinho da Silva e as festas do Espírito Santo](#)”. In: *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n. 4, 2017, pp. 75-111.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

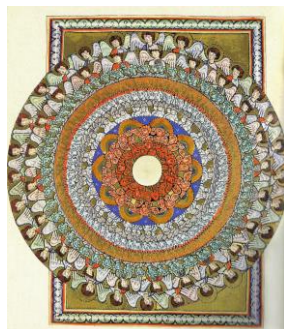
Na comparação com Antônio Vieira, se destacam três traços joaquimitas na obra de Agostinho da Silva. Primeiro, que os três reinos estão atribuídos a cada uma das três pessoas da Trindade; e o último será o Reino do Espírito em substituição ao Reino de Cristo. Segundo, que o Quinto Império não será mais um estado do Reino de Cristo, mas se desloca visivelmente para o Reino do Espírito. Em terceiro lugar, o Quinto Império será incorporado pela utopia do Reino do Espírito, significando a efetivação da plena liberdade, da criatividade sem limites e da concórdia no mundo.²⁴

A nova configuração das utopias luso-brasileiras com a joaquimita, de algum modo, já está presente na primeira fase da obra de Agostinho da Silva. Porém, não é propriamente a obra de Joaquim de Fiore que parece ser sua fonte. O entrelaçamento do terceiro reino joaquimita com as utopias quinto-imperialista e sebastianista, mais as profecias da obra coletiva de Bandarra, tem raiz na obra de Fernando Pessoa (1888-1935). Ao retomar a utopia quinto-imperialista e o sebastianismo à luz das *trovas* de Bandarra, Fernando Pessoa vincula de forma inédita os três reinos joaquimitas com os cinco impérios de Vieira, tanto no plano da sucessão da monarquia portuguesa, quanto na divisão da história por impérios e reinos.

A seguinte quadra das *trovas* de Bandarra é um dos motes principais: “Em vós que haveis de ser o Quinto/Depois de morto o Segundo/Minhas profecias fundo/Nestas letras que VOS (AQUI) pinto”.²⁵ A reinterpretação de Fernando Pessoa, à luz da cultura joaquimita, apresenta uma solução engenhosa para o curioso enigma depositado nos números três e cinco. A solução consiste em acrescentar ao decimal “Quinto” a palavra

²⁴ AGOSTINHO DA SILVA. “Considerando o Quinto Império”. In: BORGES, Paulo Alexandre Esteves (org.). *Agostinho da Silva. Dispersos, op. cit.*, pp. 191-200; AGOSTINHO DA SILVA. “Reflexão à Margem da Literatura Portuguesa”. In: *Ensaios sobre Cultura e Literatura Portuguesa e Brasileira. Vol. I*. Lisboa: Âncora Editora, 2000, pp. 321-335; AGOSTINHO DA SILVA. “Algumas Considerações sobre o Culto Popular do Espírito Santo”. In: *Ensaios sobre Cultura e Literatura Portuguesa e Brasileira. Vol. I*. Lisboa: Âncora Editora, 2000, pp. 29-48.

²⁵ BANDARRA, Gonçalo Annes. *Trovas*. São Paulo: Iba Mendes Editor Digital, 2018, p. 58.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

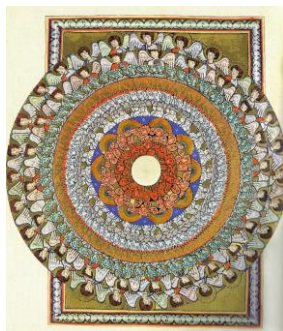
Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

“Império”; e ao decimal “Segundo”, a palavra “Reino”.²⁶ Desta forma, o Quinto Império, prognosticado pela *trova*, se realiza como o terceiro reino ou Reino do Espírito, e não como a cristandade ou o último estado do Reino de Cristo, como queria Antônio Vieira. De acordo com essa releitura do vaticínio, temos: depois “de morto” ou consumado o Segundo (reino), isto é, o Reino de Cristo ou a cristandade, surgirá o Quinto (Império) em equivalência ao terceiro. Por isso, o Quinto Império não mais se identifica com um estado do Segundo (reino), isto é, com o Reino de Cristo Consumado de Vieira, mas com o período reservado ao terceiro estado joaquimita ou Reino do Espírito.

Outra diferença em relação à proposta de Vieira é que, para Pessoa, os três reinos não são cristológicos, mas trinitários, de acordo com a vertente joaquimita. É assim que ele decifra o enigma depositado nas palavras V-O-S e A-QU-I (normalmente escritas em maiúsculas), a saber: o Reino do Pai está marcado pelas letras “V” e “A”, que são respectivamente, as iniciais das palavras latinas *Vis* (Força) e *Arma* (Armas); o Reino de Cristo, pelas segundas letras “O” e “QU”, que indicam *Ocium* (Ócio) e *Quies* (Quietude); e o Reino do Espírito, pelas terceiras letras “S” e “I”, que indicam as palavras *Scientia* (Ciência) e *Intellectus* (Compreensão).

Por fim, a *quadra* também revela a sucessão da monarquia portuguesa. O primeiro reinado corresponde ao período de consolidação da monarquia com D. Manuel, o Primeiro (1469-1521), que foi o Quinto rei da dinastia de Avis, sucedendo a D. João, o Segundo (1481-1495). O segundo reinado caracteriza um momento de calmaria, em que D. João, o Quinto (1706-1750), sucedeu a D. Pedro, o Segundo (1683-1706). Por fim, depois de terminado o Segundo (reino), se cumpriria o Quinto (Império), que corresponde ao terceiro.

²⁶ PESSOA, Fernando. *Sebastianismo e Quinto Império* (ed., introd. e notas: Jorge Uribe e Pedro Sepúlveda). Lisboa: Ática, 2011; REAL, Miguel. “O mito sebastianista revisitado”. In: *Pessoa Plural* n. 3, Lisboa, 2013, pp. 195-199.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

No entanto, para Fernando Pessoa, a divisão por cinco impérios não é mais material, senão que espiritual, o que o distancia não apenas de Antônio Vieira, mas também da tradição interpretativa do sonho de Nabucodonosor pelo profeta Daniel. A sequência espiritual dos impérios é outra: Grego, Romano, Cristandade, Europa laica e Portugal.

Conclusão

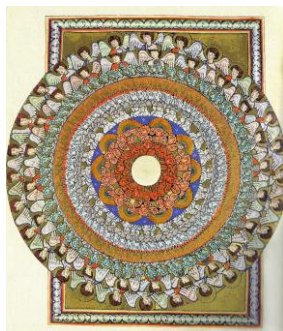
Cabe destacar, a título de conclusão, alguns aspectos que deixam ver com mais nitidez a originalidade da proposta de uma utopia do Reino do Espírito em Agostinho da Silva. Começamos por um ponto polêmico retomado da obra de Joaquim de Fiore, a saber, a afirmação de que a doutrina trinitária do abade não é mais herética. Dentre as consequências da aplicação de tal pressuposto, está a reabilitação de outro aspecto não menos polêmico do joaquimismo: o de que o cristianismo (e o próprio catolicismo) é “temporário” e a revelação de Cristo é “secundária”; ou o que dá no mesmo, que a vinda do Paráclito se “sobrepõe” à própria vinda do Messias.²⁷

Em decorrência disso, é possível constatar que Agostinho da Silva retoma a interpretação mais radical do joaquimismo, que propõe a substituição do Reino de Cristo – seu estado, seu evangelho, sua igreja clerical – pelo novo Reino do Espírito, sob a condução da nova ordem monástica.

Outro tópico a destacar é que, nas mãos de Agostinho da Silva, sairá fortalecida a narrativa de que as Festas do Império do Divino Espírito Santo têm uma origem e um simbolismo joaquimitas. Três aspectos dos festejos serão relidos em chave joaquimita.²⁸ O primeiro deles destaca que a liturgia das Festas do Divino tem de ser entendida como

²⁷ AGOSTINHO DA SILVA. “Notas para uma posição ideológica e pragmática da Universidade de Brasília”. In: SIEWIERSKI, Henryk. *Condições e missão da comunidade luso-brasileira e outros ensaios*. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2009, p. 51 e AGOSTINHO DA SILVA. “De que há Macau”. In: SIEWIERSKI, Henryk. *Condições e missão da comunidade luso-brasileira e outros ensaios*. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2009, p. 121-126.

²⁸ LEAL, João. “[Nação e império: Agostinho da Silva e as festas do Espírito Santo](#)”. In: *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n. 4, 2017, pp. 75-111.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

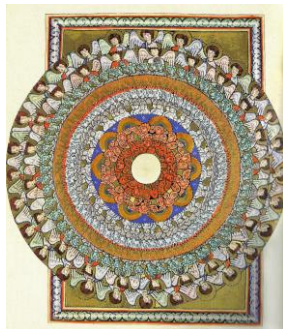
a expressão mais autêntica do Portugal medieval (monástico), que se transladou para o Brasil-colônia e se conserva até hoje em contraste com o legado escolástico, contrarreformista e clerical. O segundo tópico diz respeito ao caráter utópico das festas, retomados como a própria celebração do Reino do Espírito. Em terceiro, temos o fortalecimento do vínculo entre as Festas do Divino, o Quinto Império e o messianismo luso-brasileiro.

A respeito disso, é preciso observar que o Quinto Império, de acordo com o que queria Antônio Vieira (da *Clavis prophetarum*) e Fernando Pessoa, é um império linguístico-cultural – e, portanto, espiritual –, e o sebastianismo, por sua vez, terá de ser reabilitado como um “sebastianismo sem Sebastião” ou um “messianismo sem Messias”, em que a figura individual, populista e popular do Rei Encantado ou Encoberto simplesmente se dissolve na comunidade do Reino do Espírito.

Por fim, em tom bem joaquimita, as Festas do Império do Divino Espírito Santo serão identificadas com o “radioso Império das Crianças, o único digno de ser o Quinto de Vieira e de Pessoa, o único capaz de esquecer de vez D. Sebastião”.²⁹ A identificação do Império do Divino com as crianças apaga o tradicional conteúdo messiânico, sebastianista e quinto-imperialista na transposição das utopias luso-brasileiras para a do Reino do Espírito. Também evidencia a nova tônica do sebastianismo e do messianismo que não mais gira em torno da espera da ressurreição de um *Messiah* – um novo Cristo nas figuras de São Sebastião, D. Sebastião, D. João, Antônio Conselheiro, João Maria, entre outros tantos –, pois recebe uma nova configuração na celebração utópica do Reino do Espírito.

É neste sentido que, em alguns casos, a liturgia das Festas do Divino, revivendo um costume antigo, faz a coroação com três coroas, colocando o Menino-Imperador no centro, ladeado por dois reis (um jovem e outro de mais idade), o que reencena a citada passagem da *Concórdia entre o Novo e o Antigo Testamento* de Joaquim de Fiore, em que o

²⁹ AGOSTINHO DA SILVA. “Dez Notas sobre o Culto Popular do Espírito Santo”. In: BORGES, Paulo Alexandre Esteves (org.). *Dispensos*. Lisboa: ICALP, 1988, p. 749.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Espirit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

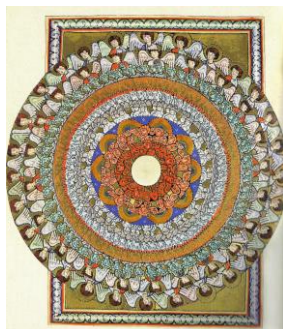
primeiro estado é dos velhos, o segundo dos jovens e o terceiro das crianças. Quer isso dizer que o Reino do Espírito não está sob a condução de um personagem individual, senão que está aberto para a nova perspectiva comunitária, livre e plural, simbolizada pelas crianças.

Fontes

- BANDARRA, Gonçalo Annes. *Trovas*. São Paulo: Iba Mendes Editor Digital, 2018.
- DEZINGER, H. e SCHONMETZER, A. *Enchiridion symbolorum, definitionum et decarationum de rebus fidei et morum*. Editio XXXIV. Barcelona: Herder, 1967.
- IOACHIM FLORENSIS. *Concordia Novi ac Veteris Testamenti*. Venedig 1519; facs. Frankfurt: Minerva, 1964a.
- IOACHIM FLORENSIS. *Psalterium decem chordarum*. Venedig 1527; facs. Frankfurt: Minerva, 1964b.
- IOACHIM FLORENSIS. *Expositio in Apocalypsim/Liber introductorius in Apocalipsis*. Venedig 1527; facs. Frankfurt: Minerva, 1964c.
- IOACHIM FLORENSIS. *Tractatus super quatuor evangelia*. Roma: Instituto Istorico Italiano, 1930.
- RUIZ DE MONTOYA, Antonio. *Conquista espiritual hecha por los religiosos de la Compania de Jesus, en las provincias del Paraguay, Paraná, Uruguay y Tape*. Madrid: Imprenta del Reyno, 1639.
- VIEIRA, Antônio. *História do Futuro* (introd. e atualização de texto e notas: M. Leonor C. Buescu). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1982.
- VIEIRA, Antônio. *Apologia das coisas profetizadas*. Lisboa: Edições Cotovia, 1994.
- VIEIRA, Antônio. *Clavis Prophetarum. A chave dos profetas. Livro III* (trad. e ed. Crítica: Arnaldo Espírito Santo). Lisboa: Biblioteca Nacional, 2000.

Bibliografia citada

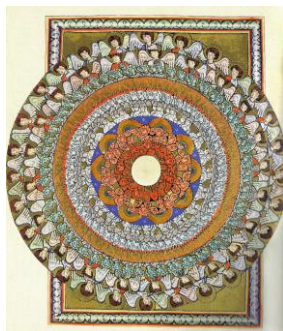
- AGOSTINHO DA SILVA. “Considerando o Quinto Império”. In: BORGES, Paulo Alexandre Esteves (org.). *Agostinho da Silva. Dispersos*. Lisboa: ICALP, 1988, pp. 191-200.
- AGOSTINHO DA SILVA. “Dez Notas sobre o Culto Popular do Espírito Santo”. In: BORGES, Paulo Alexandre Esteves (org.). *Dispersos*. Lisboa: ICALP, 1988, pp. 743-751.
- AGOSTINHO DA SILVA. “De que há Macau”. In: SIEWIERSKI, Henryk. [Condições e missão da comunidade luso-brasileira e outros ensaios](#). Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2009, p. 121-126.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

- AGOSTINHO DA SILVA. “Notas para uma posição ideológica e pragmática da Universidade de Brasília”. In: SIEWIERSKI, Henryk. [Condições e missão da comunidade luso-brasileira e outros ensaios](#). Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2009, p. 45-64.
- AGOSTINHO DA SILVA. “Reflexão à Margem da Literatura Portuguesa”. In: *Ensaio sobre Cultura e Literatura Portuguesa e Brasileira. Vol. I*. Lisboa: Âncora Editora, 2000, pp. 321-335.
- AGOSTINHO DA SILVA. “Algumas Considerações sobre o Culto Popular do Espírito Santo”. In: *Ensaio sobre Cultura e Literatura Portuguesa e Brasileira. Vol. I*. Lisboa: Âncora Editora, 2000, pp. 29-48.
- ESPÍRITO SANTO, Arnaldo do. “[A Clavis Prophetarum à luz das referências intratextuais](#)”. In: MARTINS, J. C. O. (org.). *Padre Antônio Vieira*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia (UCP), 2001, pp. 35-49.
- FRANCO, Eduardo. “[Joaquim de Flora e sua influência na cultura portuguesa](#)”. In: *Revista Portuguesa de Ciências da Religião*, v. I, n. 1, 2002, pp. 75-94.
- FRANCO, José Eduardo. “[O Quinto Império como sonho de regeneração de Portugal e do mundo](#)”. In: *Reflexão*, v. 33, n. 93, 2015, p. 31-47.
- DE LUBAC, Henri. *La posterité spirituelle de Joachim de Flore. Tomo I – de Joachim à Schelling*. Paris: Lethielleux, 1979.
- DI MARTINI, Marcus; ROSSATTO, Noeli Dutra. “[Milenarismo na obra profética do Padre Antônio Vieira](#)”. In: *Letras*. Santa Maria, vol. 21, n. 43, 2011, p. 171-196.
- LEAL, João. “[Nação e império: Agostinho da Silva e as festas do Espírito Santo](#)”. In: *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n. 4, 2017, pp. 75-111.
- MOLTMANN, Jürgen. *The Trinity and the Kingdom. The doctrine of God*. Minneapolis: Fortress Press, 1993.
- MOTTU, Henry. *La manifestazione dello Spirito secondo Gioacchino da Fiore. Ermeneutica e teologia della storia secondo «Il Trattato sui quattro vangeli»* (trad.: Roberto Usseglio). Roma: Casa Editrici Marietti, 1983.
- PESSOA, Fernando. *Sebastianismo e Quinto Império* (ed., introd. e notas: Jorge Uribe e Pedro Sepúlveda). Lisboa: Ática, 2011.
- PINHO, Romana Valente. *O essencial de Agostinho da Silva*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006.
- REAL, Miguel. “O mito sebastianista revisitado”. In: *Pessoa Plural* n. 3, Lisboa, 2013, pp. 195-199.
- REEVES, Marjorie e GOULD, Warwick. *Gioacchino da Fiore e il mito dell'Evangelo eterno nella cultura europea*. Roma: Viella, 2000.
- RIEDL, Matthias. “[A Collective Messiah: Joachim of Fiore's Constitution of Future Society](#)”. In: ROSSATO, Noeli Dutra (org.). *Mirabilia* 14 (2012/1). *Mystic and Millenarism in Middle Ages*, pp. 57-80.
- VERARDI, Luigi. *Gioacchino da Fiore – Il Protocollo di Anagni*. Cosenza: Orizzonti Meridionali, 1992 (tradução italiana e reedição do texto latino de H. Denifle)



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal 39* (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Trascendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

VIEIRA, Antônio. *Defesa perante o Tribunal do Santo Ofício. Tomo 2* (introd. e notas: Hernâni Cidade).
Bahia: Universidade da Bahia, 1957.
VOEGELIN, Eric. *História das ideias políticas II. Idade Média até Tomás de Aquino*. São Paulo: É
Realizações, 2012.